

PESQUISA QUALITATIVA: BASES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Qualitative research: historical and epistemological basis

Paulo Gomes Lima – UFSCar/Sorocaba*

Resumo: Para que a abordagem qualitativa chegasse ao que representa hoje no cenário da pesquisa científica, foi necessário um bem embasado e forte, embora paulatino, desenvolvimento dentro de um processo histórico que requereu muito labor, confrontos e debates nos meios acadêmicos. O objetivo desse artigo, por meio de uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico e sob o olhar qualitativo, é discutir os fundamentos históricos e epistemológicos dessa abordagem e a proposição de uma intertextualização para se pensar didaticamente o seu surgimento e desenvolvimento, visto as distintas tentativas de sistematização temporal e conceitual. Consideramos na visão de conjunto do artigo que a pesquisa qualitativa tem como finalidade a compreensão do fenômeno, a descrição do objeto de estudo, a interpretação de seus valores e relações, não dissociando o pensamento da realidade dos atores sociais e onde pesquisador e pesquisado são sujeitos recorrentes, e por consequência, ativos no desenvolvimento da investigação científica.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Bases históricas e epistemológicas. Ciência.

Abstract: For the qualitative approach to arrive at what it represents today in the scientific research scenario, it was necessary a well-founded and strong, albeit gradual, development within a historical process that required a lot of labor, clashes and debates in the academic context. The objective of this article, by means of an exploratory research of bibliographic nature and under the qualitative look, is to discuss the historical and epistemological fundamentals of this approach and the proposition of an intertextualization to think didactically its emergence and development, considering the different attempts of temporal and conceptual systematization. We consider in the overview of the article that qualitative research has as its purpose the understanding of the phenomenon, the description of the object of study, the interpretation of its values and relationships, not dissociating the thought of the reality of the social actors and where researcher and researched are recurring subjects, and consequently, active in the development of scientific research.

Keywords: Qualitative research. Historical Bases and epistemological. Science.

INTRODUÇÃO

Nas palavras de Minayo (1996, p.101), “[...] a investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos”. O paradigma qualitativo ou pesquisa qualitativa como é mais comumente conhecida, tem sido utilizado, difundido e defendido como expressão legítima de um “novo olhar e repensar investigativos”. Arouca (1999) vê a pesquisa qualitativa como enfoque imprescindível, sem o qual o estudo do contexto do objeto a ser trabalhado se tornaria “[...] de pouco valor, uma vez que o estudo da realidade requer uma postura de indagação (como, por quê...)”, sendo essa a diretriz que orientará o problema, objetivos e justificativas. Arouca complementa que “[...] a pesquisa qualitativa é o veículo de valorização do texto e do contexto do objeto social, enquanto tal”.

Minayo (1996 a, 1996b), Triviños (1987), Alves (1991), Bogdan e Biklen (1994), Arouca (1999), Denzin e Lincoln (1994), Patton (1996), Cook e Reichardt (1986) entre outros, entendem a pesquisa qualitativa como um todo maior no qual várias tipologias são consideradas: pesquisa etnográfica, estudo de campo, interacionismo simbólico, estudo qualitativo, perspectiva interna, etnometodologia, pesquisa qualitativa e fenomenológica, pesquisa naturalística, entrevista em profundidade, ecológica, descritiva. Esses autores observam que a preocupação básica da pesquisa qualitativa é contextualizar o objeto

*Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – (UFSCar-Sorocaba). E-mail: paulogl.lima@gmail.com

de estudo numa realidade social dinâmica, intertextualizando relações, interações e implicações advindas daquela, objetivando uma análise mais profunda e significativa do objeto.

Denzin e Lincoln (1994, p.4) entendem qualidade na pesquisa científica como uma ênfase sobre os processos e significados que não necessitam ser rigorosamente examinados ou mensurados dado ao seu caráter de natureza valorativa a sua argumentação baseia-se em que:

[...] pesquisadores qualitativos se interessam pela natureza da realidade dos constructos sociais; pela íntima relação entre o pesquisador, o objeto de estudo e a restrição situacional que forma (que dá corpo) ao questionamento. Tais pesquisadores enfatizam o valor contido na natureza dos questionamentos. Eles procuram responder questões importantes; como a experiência social é criada e como lhe é dada significado. Em contraste, os estudos quantitativos enfatizam a mensuração e a análise das relações causais entre variáveis, não o processo..."

Para Sobrinho (1995, p.48), "[...] as noções de qualidade variam no tempo e no espaço e nas diversas formações intersubjetivas", isto é, por mais que existam diversificadas formas de entender a qualidade no que tange à investigação científica, essas sempre implicarão "[...] escolha, portanto, comparação dentro de um sistema de valores de caráter inegavelmente político, ideológico e cultural...", assim, a consideração desses sistemas de valores oscilará mediante essa aplicação, propiciando, em contextos específicos, uma nova concepção de qualidade.

Enquanto os valores individuais, portanto, subjetivos são desprezados na pesquisa quantitativa, que centra sua atenção na objetividade, nos fatos palpáveis, o mesmo não ocorre quando se trata da pesquisa qualitativa. O valor na pesquisa qualitativa é definido por Grinspun (1994, p.230), como uma categoria ontológica, distanciando-o de uma objetividade natural e entendendo-o como uma objetividade social, uma vez que "[...] perpassa a própria condição individual, indo buscar sua interpretação no meio social...", dessa maneira, "[...] toda a história da sociedade e do próprio sujeito é importante para compreendermos os significados dos valores" e por consequência priorizarmos a qualidade na visão de escolha, exposta por Sobrinho (1995). Para Franco (1995, p.123) não é possível definir em termos absolutos o conceito de qualidade por esse ser historicamente produzido e pressupor:

[...] uma análise processual, uma dinâmica, a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. É, pois, um conceito fixado a partir de um arbitrário sociocultural e orientado por diferentes expectativas que incorporam demandas diversificadas e mutáveis ao longo dos tempos. Além disso, não é um conceito neutro. Ao contrário, reflete um posicionamento político e ideológico perceptível, seja para a definição da qualidade do ensino, seja para o encaminhamento de propostas que se corporificam na explicitação de seus indicadores.

Pereira (1995, p.118) enfatiza que na pesquisa científica a rigorosidade não prende-se mais ao padrão unilateral da "[...] exacerbação da objetividade, da neutralidade" e do que é numericamente quantificável ou previsível..., mas é *dunamai* (ser capaz, ter poder inerente) para "[...] reconhecer que o atípico, o inédito, o irregular, o local, tem muitos subsídios a oferecer para a pesquisa científica".

Dentre as características tidas como "os pilares" da qualidade ou do paradigma qualitativo destacam-se 1) o fundamento humanista; 2) percepção da vida social como a criatividade compartilhada pelos indivíduos; 3) permite a interação social; 4) encara o mundo social como sempre dinâmico; 5) o mundo não é uma força exterior independente do homem; 6) os indivíduos são sujeitos ativos na construção de sua própria realidade e, portanto, da realidade social; 7) o mundo social é entendido num desenvolvimento contínuo de conceitos e teorias e 8) interessa-se pelos significados sociais e esses só podem ser examinados no contexto da interação entre os indivíduos (FILSTEAD, 1986, p. 62-63), por isso

Erickson (1977: 61) afirma que: 'o que a investigação qualitativa faz melhor, como essência, é descrever incidentes chaves em termos descritivos funcionalmente relevantes e situá-los numa determinada relação com o mais amplo contexto social; empregando o incidente chave como um exemplo concreto do funcionamento de

princípios abstratos de organização social [pois] o enfoque quantitativo não consegue isso' " (FILSTEAD, 1986, p.64 – colchetes nosso).

Bogdan e Biklen (1994, p.4) observam que a pesquisa qualitativa é obstruída em seu andamento, por causa das "[...] resistências acadêmicas e disciplinadoras" de uma política ainda conivente com a tradição quantitativista e que denigrem os pesquisadores qualitativos declarando-os como jornalistas ou cientistas superficiais; o trabalho desses é visto como "não científico e repleto de tendenciosidade". Não compreendem que:

Os dados recolhidos [...] designados por qualitativos, [...] significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis; sendo outrossim formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu contexto natural" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.16).

Diferentemente do investigador quantitativo o [...] investigador qualitativo prefere que a 'teoria...' aplicada ao seu objeto de estudo emergja dos próprios dados coletados, o que favorecerá uma melhor compreensão desses, dando sentido às realidades sociais (FILSTEAD, 1986, p.65), assim:

Ao desenvolver as explicações do fenômeno, o investigador qualitativo tende a empregar 'conceitos sensíveis' (conceitos que captam o significado dos acontecimentos e empregam descrições dos mesmos para esclarecer as múltiplas faces do conceito, Blumer, 1969), sendo mais do que definições operacionais (...) As técnicas de obtenção de dados tipicamente empregados são a observação participante, a entrevista em profundidade e a entrevista não estruturada ou semi estruturada (FILSTEAD, 1986, p.66).

Entretanto, por mais que os investigadores quantitativos considerem a pesquisa qualitativa como simplesmente especulativa, "não científica"; inquestionavelmente ela "[...] tem um embasamento epistemológico", pressupondo "[...] uma compreensão do que é a subjetividade e seu alcance em termos de poder do conhecimento" (SEVERINO, 1992, p.33). Vemos, portanto, que a qualidade assume um caráter imanente, ou seja, do indivíduo que constrói sua história para a história que é construída por ele e não transcendente como pretendem os defensores da pesquisa quantitativa. Denzin e Lincoln (1994, p. 7-11), centram e dividem a história da pesquisa qualitativa a partir do século XX em cinco momentos específicos, nomeando-os respectivamente: 1º) Período Tradicional; 2º) A Fase Modernista; 3º) Gêneros Borrados (Blurred Genres); 4º) Crise de Representação e 5º) "O Quinto Momento".

Bogdan e Biklen (1994), concordam que a história da pesquisa qualitativa esteja dividida em cinco períodos, no entanto, além de remontar sua origem a partir do final do século XIX, dividem-na em intervalos diferenciados daqueles propostos por Denzin e Lincoln (1994), a saber: 1º) Século XIX aos anos trinta; 2º) Anos trinta aos anos cinquenta; 3º) Anos sessenta; 4º) Anos setenta e 5º) Anos oitenta e noventa. Contrastaremos as posições dos autores supra citados, buscando pontos de convergência para uma compreensão mais proximal do contexto histórico do paradigma qualitativo e suas implicações para o que conhecemos como pesquisa qualitativa. Apreciaremos melhor as abordagens efetuadas pelos autores, considerando os cinco períodos levantados, que a partir de agora denominaremos respectivamente: primeira fase; segunda fase; terceira fase; quarta fase e quinta fase histórica da pesquisa qualitativa.

PRIMEIRA FASE DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA QUALITATIVA

Denzin e Lincoln (1994, p.7) denominam o primeiro momento da pesquisa qualitativa como *período tradicional* (início do século XX até a II guerra mundial). Esse período é marcado pelo predomínio da etnografia, cujo principal precursor foi Bronislaw Kasper Malinowski, descrevendo, através de narrativas, suas experiências em contato com o povo nativo da Nova Guiné e das Ilhas Trobriand nos respectivos anos de 1914-1915 e 1917-1918. Quanto a esse momento histórico Costa (1987, p.93),

lembra que o funcionalismo era a escola do pensamento antropológico de então e quanto ao “precursor da etnografia” afirma que:

Malinowski foi o primeiro a captar e a expor uma visão integral do modo de vida de um povo “estranho, graças a seu conhecimento da língua nativa e sua arguta observação de todos os aspectos da vida trobriandesa, desde as grandes cerimônias aos fatos singelos da vida.

Denzin e Lincoln (1994, p.7) lembram que embora a emergente pesquisa qualitativa do século XX estivesse baseada em narrativas, relatos de experiências de seu precursor, suas raízes ainda estavam fincadas no “objetivismo”, característica norteadora da ciência positivista, onde o objeto de estudo (o outro), era considerado “estranho” à pesquisa. Dessa maneira percebemos que o investigador não se comprometia com o objeto de estudo, via-o tão somente como espectador, patenteando sua “neutralidade científica”, garantindo resultados precisos, não estranhos às observações efetuadas.

Vidich e Lyman (1994, p.30-32), asseguram que nos Estados Unidos a etnografia, como parte da antropologia cultural, nesse período, centrou-se inicialmente nos nativos americanos (índios, tidos como povos “primitivos”) e a posteriori ao estudo dos imigrantes europeus, asiáticos e negros, avaliando densidade demográfica, raça e relações étnicas. Não raras vezes saía o pesquisador qualitativo do seu local de origem a fim de efetuar suas pesquisas, ao encontrar seu objeto de estudo analisava com objetividade a composição da comunidade selecionada, seus usos e costumes, sem inferências no transcurso do mesmo. Ao pesquisador que assim procedia Rosaldo (1989) *apud* Denzin e Lincoln (1994), o descreve como o “etnógrafo solitário”. Foi a partir da crença no mito do “etnógrafo solitário” que se originou a etnografia clássica. Portanto, nesse primeiro período a pesquisa qualitativa fundamentava-se na etnografia, cuja linguagem do pesquisador ao escrever seus livros ou resultados de suas pesquisas, objetivava atingir outros pesquisadores ou a classe erudita.

Com ênfase em história de vida e porções-da-vida (slice-of-life), a escola de Chicago desenvolve uma metodologia interpretativa, fundamentada nas narrativas das mesmas, abstendo-se gradualmente do “objetivismo” empregado na emergente etnografia clássica. Com o advento da escola de Chicago, o pesquisador como autor, muda o seu público alvo quanto aos resultados de suas pesquisas, em outras palavras, produzia textos na linguagem do povo, caracterizados pelo realismo social, naturalismo e histórias de vida. Como representantes desse período podemos citar entre outros: Malinowski, Radcliffe-Brown, Margaret Mead e Gregory Bateson.

Bogdan e Biklen (1994, p. 20) não têm a preocupação com nomenclaturas dos períodos históricos da investigação qualitativa, simplesmente os caracterizam por intervalos, abrangendo “o todo” do contexto histórico do final do século XIX até os anos noventa. Caracterizam o primeiro período partindo do final do século XIX até os anos trinta, onde o estudo dos problemas sociais tais como a urbanização, a pobreza, a imigração, condições de vida dos trabalhadores, comunidades negras, etc; eram a tônica principal. Cabe destacar dessa época, o nome do francês Frederick LePlay, que estudando famílias pobres no final do século XIX (o fruto do seu trabalho deu origem a obra “*Les Ouvriers Europeans*”, publicada em 1879), procurou descrever detalhadamente as condições e relações de vida das mesmas, denominando seu método simplesmente de *observação* tido como *observação participante* a partir da década de trinta, ao que, a posteriori, como indica Brandão (1987) contribuiu para o surgimento da pesquisa participante.

Bogdan e Biklen (1994, p.22-26), destacam ainda a pessoa de W.E.B. Du Bois com a obra “*The Philadelphia Negro*”, caracterizada por um trabalho investigativo das condições de vida da comunidade negra em Filadélfia nos Estados Unidos (ano de 1899), aludem Margaret Mead como “[...] possivelmente a primeira a fazer uma aplicação concreta da antropologia à educação”; destacam também o trabalho de Franz Boas e Nina Vandewalker, que desenvolvem o estudo da antropologia articulada à educação – ano de 1898, mas, chamam a atenção para Robert Redfield, como um dos principais expoentes no desenvolvimento do método qualitativo, principalmente no que concerne à pesquisa de campo sobre as comunidades que selecionava para estudo. Concordam também com a importância do trabalho de Malinowski, sem se deterem na possibilidade de ter sido ele o iniciador da pesquisa qualitativa.

Quanto à escola de Chicago (anos 20), Bogdan e Biklen (1994, p.27-28) concordam com Denzin e Lincoln (1994) sobre sua importância como marco referencial para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa e acrescentam que nessa escola, na pessoa de Robert Park teve-se um exemplo de um motivador da pesquisa de campo, pois encorajava seus alunos da pós-graduação a estudarem exaustivamente as comunidades particulares, estabelecendo diretas abordagens interacionistas das realidades estudadas e suas relações sociais". Apesar de ser um "marco referencial" para a recém-emersa pesquisa qualitativa, a escola de Chicago ainda estava ligada aos modelos positivistas, como observam Bogdan e Biklen (1994, p.30):

À medida que os educadores foram aumentando sua preocupação com a mensuração, quantificação e predição; as estratégias qualitativas, tais como a 'investigação em primeira mão', a utilização de documentos pessoais, e a preocupação do investigador de campo com o contexto social, tornaram-se menos relevantes para os educadores...

O motivo do não desprendimento total do antigo modelo deu-se em virtude da psicologia dominar a investigação educacional de então, minando os campos da sociologia que juntamente com aquela utilizava os métodos experimentalistas. Mas os primeiros passos estavam sendo dados rumo à uma investigação "antiquantitativa", embora empírica, através da pessoa de Willard Waller, que acreditava que a investigação da sociologia em educação deveria se processar "num contato direto com o mundo social" estabelecendo "relações entre as partes e o todo" e vice-versa (Ibidem).

Esse segundo momento da história Denzin e Lincoln (1994, p.8) caracterizam como *fase modernista* (pós II guerra mundial aos anos 70), da pesquisa qualitativa no século XX, que surge a partir dos trabalhos desenvolvidos no primeiro período (tradicional). Caracteriza-se por estudos qualitativos de importantes processos sociais, incluindo temas como controle social na sala de aula e na sociedade. Além da etnografia e dos primeiros passos da escola de Chicago, surgem novas teorias interpretativas como a etnometodologia, a fenomenologia, a teoria crítica e o feminismo. Verificamos que nessa fase o pós-positivismo funcionou como um poderoso paradigma epistemológico, propiciando abertura ao surgimento de novas idéias (entre elas podemos citar os argumentos de Campbell & Stanley no ano de 1963) sobre a validade externa e interna dos modelos construcionista e interacionista para o ato de pesquisar.

Embora com a pretensão de ser distinta do período tradicional, a fase modernista incorporou a retórica do discurso positivista e pós-positivista. E o tão apregoado rigor da pesquisa qualitativa¹ de então, era tão somente baseado em multimétodos, dos quais a probabilidade e a estatística eram parte integrante. São representantes da pesquisa qualitativa em educação, nesse período: George e Louise Spender, Jules Henry, Harry Wolcott e John Singleton.

Para Bogdan e Biklen (1994, p.31-35) o intervalo correspondente a segunda fase da história da investigação qualitativa se estendeu dos anos trinta até os anos cinquenta. Observam que "[...] alguns acadêmicos veem a investigação realizada entre os anos trinta e os anos cinquenta como um hiato na abordagem qualitativa", no entanto, apesar da não utilização regular da abordagem qualitativa como instrumento de pesquisa nessa época, atestam que os métodos qualitativos "desenvolveram-se e melhoraram". Os autores apontam como ponto central do não desenvolvimento da pesquisa qualitativa nesse período a "grande depressão financeira" que "[...] afetou o financiamento dos projetos de investigação", dessa maneira, o interesse dos sociólogos volta-se para o estudo de imigrantes americanos, questões étnicas e problemas sociais como o desemprego². Na década de quarenta, Mirra Komarovsky se destaca na investigação qualitativa desenvolvendo estudos sobre a família e a depressão, conduziu igualmente um estudo sobre as mulheres no ensino superior, sendo esse um documento muito importante na eclosão do movimento feminista na década de cinquenta e na década

¹Esse período ficou conhecido como a "era de ouro da análise qualitativa", destacando-se na área da sociologia as obras "*Boys in White*" de Howard S. Becker et alii, 1961 e "*The Grounded theory*" de Glaser & Strauss, 1967.

²Deste período cabe ressaltar Everett C. Hughes que foi pioneiro no campo da sociologia das profissões e que, segundo Bogdan e Biklen (1994), transformou seus alunos "em líderes da investigação qualitativa nos anos cinquenta e também a pessoa de Herbert Blumer que criou o interacionismo simbólico em 1937 e a própria escola de Chicago que influenciou os antropólogos sociais (p.32).

de setenta “[...] os próprios procedimentos de trabalho de campo tornaram-se objetos de estudo, com relevância para a entrevista que foi utilizada como uma estratégia central da investigação qualitativa”.

Os autores denominaram esse período de *gêneros borrados*²⁰ – *Blurred Genres (1970-1986)*. Caracteriza esse período uma quantidade significativa de teorias, do interacionismo simbólico ao construtivismo, com o acréscimo de interrogatórios naturalísticos, positivismo e pós-positivismo, fenomenologia, etnometodologia, criticismo (Marx), semiótica, estruturalismo, feminismo e vários paradigmas étnicos (DENZIN e LINCOLN, 1994, p.9).

Ganhando considerável destaque estrutural, ético e político nesse período, a pesquisa qualitativa vai se moldando. Surgem séries de estratégias de pesquisa, propiciando suporte à teoria do estudo de caso, ao método histórico, biográfico, ação etnográfica e pesquisa clínica. Diversas formas de coleta de dados e análise de materiais empíricos foram avaliados e utilizados, inclusive a entrevista qualitativa e observacional, visual, experiência pessoal e método documental. O uso do computador começa timidamente a ocupar um papel relevante, tendo somente na década posterior alcançado o seu lugar dentro da pesquisa, com maior abrangência e utilização.

Geertz (1973, 1983)³, segundo os autores, argumenta que os antigos modelos do velho funcionalismo, positivismo e behaviorismo, tornaram-se cada vez mais próximos das disciplinas humanas gerando com isto mais pluralismo, interpretativismo e novas perspectivas culturais na investigação científica, entretanto, com a aproximação das ciências sociais das humanas, os limites entre as duas não ficou claramente delimitado, por isso o denomina como “borrados”. Essa dispersão de gêneros contribuiu para o surgimento do pós-estruturalismo (Barthes), do neopositivismo (Philips), neomarxismo (Althusser), micro-macrodeterminismo (Geertz), teorias rituais de drama e cultura (V. Turner), desconstrucionismo (Derrida) e etnometodologia (Garfinkel). Em educação, nesse período, destacamos os trabalhos de Harry Wolcott, Egon Guba, Yvonna Lincoln, Robert Stake e Elliot Eisner (DENZIN e LINCOLN, 1994).

Os anos sessenta (terceiro momento histórico da investigação qualitativa), como acentuam Bogdan e Biklen (1994, p.36), foram caracterizados por uma época de mudanças sociais, onde o “marco principal” de estudo eram os problemas educativos, considerados dessa forma por disciplinas como a sociologia e a antropologia. Gajardo (1987) lembra que essas mudanças sociais também tiveram seu lugar na América do Sul, principalmente no Chile e Peru que partindo do trabalho de Paulo Freire²² sobre reforma agrária (*asentamiento*) para a natureza sociológica e transformadora da ação educativa, conseguiram impulsionar a investigação educacional, principalmente no que tange à pesquisa participante e dessa maneira contribuir para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa em educação. Portanto, a educação como objeto de estudo na década de sessenta, teve um papel articulador com a realidade social das comunidades, fato que leva Gajardo (1987, p.22) a afirmar que

A educação passou a ser entendida...como uma atividade que possibilitava aos grupos menos privilegiados compreender e interpretar a racionalidade e o funcionamento dos sistemas de dominação social e adquirir os conhecimentos apropriados para melhorar seu nível de informação e capacidade de movimento...Nesta proposta, a atividade de pesquisa não culminava em uma resposta de ordem teórica, mas na geração de alternativas de ação expressadas em uma perspectiva de mudança social.

Assim de forma gradual a pesquisa qualitativa vai se desenvolvendo com a adesão de maior número de estudiosos e com o apoio até de agências estatais, que buscavam compreender o porquê dos rendimentos desfavoráveis de alunos pobres, de problemas sociais como a falta de moradia, desemprego, discriminação racial etc. A escola⁴ e suas relações eram o objeto de estudo por essa

³ Denzin e Lincoln (1994) acentuam que dois livros escritos por GEERTZ, definem o começo e o fim deste momento: *The Interpretation of Cultures* (1973) e *Local Knowledge* (1983).

⁴ Quando citamos a escola como objeto de estudo estamos nos referindo a instituições, cuja clientela era composta por minorias discriminadas como negros, crianças com rendimento abaixo do esperado, etc. e muitos outros estudos tiveram destaque na área educacional. Entre os estudos que nortearam a ascensão da pesquisa

época articulados, ou melhor, patamarizados de maneira ainda tímida nos métodos qualitativos, que começavam a atingir relevância considerável. Bogdan e Biklen (1994, p.37) consideram que

Os métodos de investigação qualitativa representavam o espírito democrático em ascendência na década de sessenta. O clima da época era propício ao renovar do interesse pelos métodos qualitativos, assim, surgiu a necessidade de professores experientes neste tipo de metodologia de investigação, abrindo-se caminho a inovações e desenvolvimentos metodológicos.

A partir dessa década realmente a investigação qualitativa tomou maior impulso, não sendo bem vista por investigadores mais conservadores, adeptos do experimentalismo; no entanto, por parte de alguns estudiosos mais heterodoxos verifica-se uma crescente preocupação desde então, em estudar os problemas sociais, e em particular educacionais, sob o prisma dos valores, do interacionismo e da participação recorrente do investigador com o seu objeto de estudo.

QUARTA FASE DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA QUALITATIVA

Denzin e Lincoln (1994, p.10) chamam esse período de *crise de representação* (a partir de 1986). A partir do trabalho de Geertz, sobre *"Gêneros Borrados"*, surgiram trabalhos na área das ciências sociais alertando sobre o perigo desses gêneros borrados que, segundo eles, descaracterizavam e desfocalizavam o trabalho investigativo do seu campo específico. Entre os trabalhos desse período destacam-se: *"Anthropology as Cultural Critique"* (Marcus & Fisher, 1986); *"The Anthropology of Experience"* (Turner & Bruner, 1986); *"Writing Culture"* (Clifford & Marcus, 1986); *"Works and Lives"* (Geertz, 1988) e *"Predicament of Culture"* (Clifford, 1988) (Ibidem).

A caracterização básica desse período centra-se no fato de que a pesquisa qualitativa coloca-se como aquela que não se atém a fórmulas estereotipadas e modelos prontos para o estudo de seu objeto de pesquisa, todavia, como emergente da fase anterior, o paradigma qualitativo ainda não tinha definido algumas questões realmente relevantes para o processo de investigação: 1) A consideração do "outro" no processo de pesquisa; 2) O investigador qualitativo como sujeito recorrente (compromissado com o objeto de estudo); e 3) A legitimação ou não da vida pública ou privada das pessoas, como objeto de estudo. Observamos uma forte ruptura do paradigma qualitativo com o positivismo e o pós-positivismo. A partir dessa crise de representação baseada em reflexões sobre o seu caminhar, o seu andamento é que o paradigma qualitativo vai tomando forma e definindo-se mais claramente, convergindo para o quinto momento de sua história no século XX.

Bogdan e Biklen (1994) apontam a quarta fase da história da investigação qualitativa para os anos setenta, momento esse que permitiu o debate entre os paradigmas quantitativos e qualitativos, fato que até então não era possível de forma abrangente, pois o paradigma quantitativo era dominante em nível de investigação científica. Verificando o alcance limítrofe do paradigma quantitativo, muitos investigadores quantitativos passaram "[...] a explorar a abordagem qualitativa e a defender a sua utilização..., assim a investigação científica explodiu em educação" (p.39-40), pois foi ganhando cada vez mais espaços e novas formas de metodologias foram consideradas:

Alguns investigadores qualitativos em educação efetuaram 'trabalho de campo' – observação participante, entrevistas em profundidade ou etnografia- despendendo grandes quantidades de tempo nos locais de investigação. Registraram os seus apontamentos por escrito como modo de preservar os dados a analisar, incluindo grande quantidade de descrições, registros de conversas e diálogos...As observações em escolas deram origem, por exemplo, a estudos sobre integração racial (Metz, 1978; Rist, 1978), a vida de um diretor de escola (Wolcott, 1973), a experiência de professores em escolas rurais (McPherson, 1972) e inovações na escola (Sussman, 1977; Wolcott, 1977)..., entrevista em profundidade para estudar as crianças excluídas

qualitativa neste período, pode-se destacar o da antropóloga Eleanor Leacock que desenvolveu um trabalho comparativo das escolas urbanas, sendo este uma referência tanto para antropólogos quanto para sociólogos a posteriori (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.37).

da escola (Cottle, 1976 a), o sistemas de transpotes escolares (Cottle, 1976 b) e os papéis das mulheres como dirigentes educativos (Schmuck, 1975)" (BOGDAN e BIKLEN,1994, p.40).

Com tanta diversidade de metodologias dentro da abordagem qualitativa, surgiu uma tensão entre os estilos utilizados. Essa tensão foi causada por investigadores que acreditavam que as pesquisas deveriam ser as mais autênticas possíveis (perspectiva cooperativista), enquanto outros consideravam os conflitos dos sujeitos que faziam parte do objeto de estudo, pois para eles o sujeito estudado, poderia não estar totalmente aberto a fornecer informações sobre sua vida, como apregoavam os defensores do cooperativismo, por esse motivo sua perspectiva de estudo foi denominada de conflituosa (BOGDAN e BIKLEN,1994, p.41). Notamos, portanto um conflito interno dentro da investigação qualitativa, nesse período, motivado com certeza pelo "ensaio e erro" dos primeiros passos rumo à sua posterior firmiação no rol das abordagens contemporâneas. Destacamos que a superação de um conflito só se dá efetivamente quando o equilíbrio entre as partes é alcançado, no caso específico da abordagem qualitativa enfatizamos que o equilíbrio vai um pouco além, pois é processual e aberto a novas abordagens ou novos olhares.

QUINTA FASE DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA QUALITATIVA

Denzin e Lincoln (1994, p.11) se referem à quinta fase como simplesmente o *quinto momento*, apontando-o como o presente. Hoje mais do que nunca a perspectiva da pesquisa qualitativa centra-se no objeto de estudo, estabelecendo liames entre esse e o investigador que atua como sujeito recorrente, analisando-o processualmente e valorizando hermeneuticamente o texto e o contexto do mesmo (individual/social). O paradigma qualitativo valida novas maneiras de se entender o objeto de estudo, pois o enxerga como elemento de uma totalidade epistemológica fundamentada em valores, que se desdobram em instrumentos facilitadores do processo investigativo e que ofereçam soluções ou apontem caminhos para a resolução do problema estudado, de forma a ser possível pensar e repensar sobre a realidade que lhe circunda.

O conflito ou o "falso conflito paradigmático, como preferem alguns: quantidade X qualidade", ainda não se desfez completamente no meio acadêmico, quer seja na graduação ou pós-graduação, mesmo nesse período. Essa consideração nos encaminha à algumas questões básicas, percorridas nesse momento histórico: 1) existe realmente esse conflito paradigmático ? 2) se não existe como justificar as preferências paradigmáticas ? 3) é possível o pesquisador utilizar harmoniosamente os dois paradigmas ? como ? 4) como os autores científicos veem o evento quantidade X qualidade ? e 5) qual dos dois paradigmas polarizados poderia ser completamente adequado ao trabalho científico, sem dar margem a contestações?

Para Bogdan e Biklen (1994, p.43) os anos oitenta e noventa contemplam a quinta fase, marcada pelo uso abundante de computadores e programas específicos para lidar com os dados qualitativos. Vemos dessa maneira que a utilização de computadores na investigação qualitativa foi "[...] uma inovação significativa de caráter mais técnico do conceitual...na recolha, gestão e análise dos dados qualitativos"(Ibidem). Para a investigação científica de forma geral, temos que a informática favoreceu consideravelmente os trabalhos acadêmicos, possibilitando mais agilidade e flexibilidade técnica no tratamento dos dados trabalhados. Os mesmos autores afirmam que o feminismo influenciou "de várias formas a investigação qualitativa na década de oitenta" (Ibidem), e essas influências estão presentes mesmo em nossa contemporaneidade. Afirmam os autores que

O feminismo afetou o conteúdo das investigações à medida que os investigadores iam estudando a forma como os papéis psicossociais influenciavam a construção do mundo, enquanto professoras do sexo feminino [...], providenciadoras de sustento [...], estudantes em subculturas femininas punk [...], leitoras de novelas [...] e consumidoras e intérpretes de conhecimento médico sobre o corpo e a reprodução [...]" (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 44; ênfase dos autores).

Conscientes da abertura e acrescentamos mais, das possibilidades dentro da investigação qualitativa “[...] as investigadoras feministas nas ciências sociais foram atraídas pelos métodos qualitativos, porque esses possibilitavam que as interpretações das mulheres assumisse uma posição central.” (Ibidem, p.44-45). Entre as influências herdadas do feminismo na investigação qualitativa, verificamos a mudança do papel do investigador no trato com o seu objeto de pesquisa (sujeito) onde esse e aquele agora, são sujeitos recorrentes. Desse período é característico a passagem do modernismo para o pós-modernismo, resultando numa mudança de visão de mundo em nível de investigação qualitativa, dado que

Uma das principais influências do pós-modernismo nas metodologias qualitativas foi a modificação no entendimento da natureza da interpretação e no papel do investigador qualitativo como um intérprete. Ao invés de entenderem o material escrito – textos, manuscritos, artigos e livros – pelo seu valor facial, os investigadores qualitativos tomaram-nos como objeto de estudo (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.45).

Enquanto o modernismo tinha suas bases firmes nas abordagens positivistas, desde a época do iluminismo, nessas décadas (80 e 90) ocorre o rompimento com essa tradição, “levando as pessoas a questionar a integridade do progresso..., dessa forma, essa perspectiva (pós-modernista) enfatiza a interpretação e a escrita como características centrais da investigação” (Ibidem, p.44-45, acréscimo nosso dos parênteses).

INTERTEXTUALIZANDO O PROCESSO HISTÓRICO DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Nos trabalhos abordados verificamos aparentemente certo descompasso no estabelecimento de intervalos do processo histórico da investigação qualitativa, no entanto, vemos que, embora existam abordagens diferenciadas em Bogdan e Biklen(1994) e Denzin e Lincoln (1994), os dois trabalhos se articulam, não havendo incompatibilidade nas informações discorridas, isto é, o que um autor deixou de abordar o outro preocupou-se em colocar em relevância. Vejamos através dos quadros 1 e 2, os intervalos históricos considerados pelos autores.

Quadro 1 - Intervalos históricos da investigação qualitativa para Denzin e Lincoln (1994)

1ª fase	2ª fase	3ª fase	4ª fase	5ª fase
Período Tradicional	Fase Modernista	Gêneros Borrados (Blurred Genres)	Crise de representação	Quinto momento
Início do século XX (Malinowski) Narrativas/relatos de experiências de seu “precursor”/ Naturalismo/ Não comprometimento do investigador com o objeto de estudo/ Escola de Chicago	Pós II guerra mundial aos anos 70 (setenta), nesta fase o pós-positivismo é tratado como um forte paradigma epistemológico; são validados os modelos construcionista e interacionista na pesquisa.	De 1970 até 1986/quantidade significativa de teorias/ ocorrência de um maior pluralismo epistemológico	A partir de 1986/ Busca de resolução de questões pertinentes à sua própria identidade como investigação científica	O presente/ Momento em construção.

Fonte: Elaborado a partir de Denzin e Lincoln (1994)

Quadro 2 - Intervalos históricos da investigação qualitativa para Bogdan e Biklen (1994)

1ª fase	2ª fase	3ª fase	4ª fase	5ª fase
Século XIX aos anos 30 (trinta)	Anos 30 (trinta) aos anos 50 (cinquenta)	Anos 60 (sessenta)	Anos 70 (setenta)	Anos 80 (oitenta) e 90 (noventa)
Estudo de problemas sociais: pobreza, processo de urbanização industrial, desemprego/ Nascimento da antropologia/ A sociologia da educação, A sociologia de Chicago	Período tido como um hiato na abordagem qualitativa, mas essa se desenvolveu e melhorou: interacionismo simbólico, documentarismo fotográfico, utilização de entrevista, início do feminismo	Época de mudança social: a escola começa a ser objeto de estudo, ênfase no estudo dos desfavorecidos e excluídos sociais; os métodos qualitativos começam a ganhar terreno no campo da investigação educacional.	Época da diversidade: iniciam-se os debates entre os investigadores quantitativos e qualitativos (abertura), a investigação qualitativa ganha adesões e “explode” na área educacional.	Utilização de computadores e programas específicos na investigação qualitativa, o feminismo influencia as metodologias qualitativas e a investigação qualitativa avança ao pós-modernismo

Fonte: Elaborado a partir de Bogdan e Biklen (1994)

Por outro lado, concordamos com Bogdan e Biklen(1994), quando acentuam o século XIX para o surgimento das raízes da pesquisa qualitativa, pois como delinea Santos Filho (1995, p.24), essa nasceu a partir de uma “reação crítica à adoção da teoria positivista do conhecimento pelas ciências sociais”. Isto significa que os investigadores científicos da época não se mostravam coniventes com o *modus operandi* e essência filosófica do paradigma positivista, queriam algo novo⁵ na investigação científica, uma forma de estudar a vida social humana dissociada das ciências físicas, como era o padrão atual, por esse motivo

Os filósofos e pensadores envolvidos nisso entendiam que o estudo da vida social humana em termos de analogia com as ciências físicas, além de incorreto, podia destruir o que representa a essência da vida social humana. Para eles o positivismo enfatizava em demasia o lado biológico e social do ser humano e esquecia a dimensão de sua liberdade e individualidade. (SANTOS FILHO, 1995, p.24).

Embora consideremos válidas e compatíveis as duas abordagens até aqui expostas, necessário se faz observar que quando Denzin e Lincoln não fazem menção às origens da pesquisa qualitativa no contexto do século XIX, nota-se um significativo vácuo, dada a importância da “reação crítica” dos pesquisadores à tradição positivista daquele momento histórico, por outro lado ao analisarmos os escritos de Bogdan e Biklen, notamos uma compartimentalização muito segmentada, como se cada período tivesse seu começo e seu fim dentro do intervalo considerado. Optaremos, por conseguinte, pelo enfoque do contexto histórico de Denzin e Lincoln (1994), porém validando o início da investigação qualitativa a partir do século XIX, como tão bem expõem Bogdan e Biklen (1994). Quando falamos da complementaridade dos contextos históricos dos dois autores, não nos referimos à uma “miscelânea” de fatos históricos aglutinados, todavia, à um constructo de ações processuais e indissociáveis e pertinentes ao mesmo contexto histórico da investigação qualitativa, justificando a natureza da totalidade descritiva dessa, como bem enfatiza Martins (1997, p.58):

Na pesquisa qualitativa descreve-se e determina-se com precisão conceitual rigorosa a essência genérica da percepção ou das espécies subordinadas, como a percepção da coisalidade etc. Mas a generalidade mais elevada está na experiência em geral, no pensamento em geral, e isto torna possível uma descrição compreensível da natureza da coisa.

⁵ Este algo novo, considerado por Dilthey no final do século XIX, como compreensão interpretativa (*verstehen* – método das ciências sociais = descrever) e o círculo hermenêutico (diferenciados do *Erklaren* – método das ciências naturais = entender), viriam a corroborar para o surgimento de uma nova forma de pensar e fazer na investigação científica, sendo este um excelente argumento, além dos que exporemos mais adiante, que nos faz considerar o século XIX, como o momento histórico do nascimento da investigação qualitativa.

Creemos que o quadro 3, poderá nos fornecer uma contextualização mais abrangente e proximal da gênese e desenvolvimento da história da investigação qualitativa⁶.

Quadro 3 - Relocalização do contexto histórico da investigação qualitativa

1ª fase	2ª fase	3ª fase	4ª fase	5ª fase
Nascimento e primeiros passos	Interesse e ênfase	Abertura ao debate quantidade versus qualidade	Pluralismo epistemológico	Investigação qualitativa em processo
Início no século XIX até final da II guerra mundial (Famílias pobres como objeto de estudo, urbanização industrial e etnografia com Malinowski)	Pós II guerra mundial aos anos 70 (setenta) (Discriminado sociais e a escola como objeto de estudo, interacionismo, fotografias e entrevistas são utilizados na pesquisa qualitativa)	De 1970 até 1986 (Surtem novos enfoques de metodologias qualitativas, com o debate entre os dois paradigmas a aceitação e uso da pesquisa qualitativa se expande, legitimando-se epistemologicamente).	1986 aos anos 90 (Uso do computador/ feminismo/ a investigação qualitativa não se prende a fórmulas estereotipadas de pesquisa/ era pós-modernista)	O presente (O paradigma qualitativo se constrói, ocupando seu espaço epistemológico e aberto a novas formas de pensar na investigação científica, não assumindo posturas radicais ou unilaterais no ato de pesquisar)

Fonte: Elaboração própria a partir de Bogdan e Biklen (1994), Denzin e Lincoln (1994), Reichardt e Rallis, (1994), Guba e Lincoln (1994).

O presente quadro é apenas uma relocalização didática a partir dos autores indicados, entretanto, reconhecemos que tal organização não desqualifica ou substitui o esforço desenvolvido dos autores quanto à origem e desenvolvimento da pesquisa qualitativa. O que ocorre é que informações apresentadas nalgumas de suas obras e ausentes em outras, dá a impressão de inconsistência informativa, mas pelo que estudamos, não se trata disso. Trata-se do olhar do autor sobre a interpretação do período. Assim, a nossa organização teve como objetivo aproximar as informações e tecer novas leituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradigma ou a pesquisa qualitativa, surgiu de questionamentos e descontentamento da concepção de mundo da visão positivista, tendo inicialmente como seus precursores Dilthey, Weber e Rickert. Para Dilthey "as ciências físicas" consideram os objetos de estudo como inanimados, por isso a separação entre o sujeito e o objeto. Por outro lado, afirmava que as ciências sociais consideravam ser impossível separar o pensamento e as emoções, a subjetividade e os valores. Weber, por sua vez, argumenta que as ciências sociais só podem ser compreendidas através do contexto do objeto de estudo e de suas relações. Portanto, a seu ver a investigação científica deverá ter como objetivo principal a compreensão interpretativa da realidade. (LIMA, 2001).

Entretanto, a opção por uma abordagem ou tipologia de pesquisa para um pesquisador que lê o desenvolvimento da ciência, está articulada com a finalidade da leitura do objeto e da explicitação que o mesmo pretende explorar como descoberta de sua pesquisa. Dentre outras abordagens, a pesquisa qualitativa mostra-se como caminho para uma compreensão e interpretação mais proximal do objeto, claramente com o diferencial de recorrer das subjetividades e percepções de si (enquanto pesquisador) e dos demais atores sociais que lhe conferirem devolutivas.

A perspectiva qualitativa prima a descoberta científica como achado processual, relativo e em construção, disposto a considerações de novas informações, de novos dados que, de forma alguma,

⁶ Destacamos, por outro lado, que não estamos tentando reescrever o processo histórico da investigação qualitativa, mas situá-lo hermenêuticamente através dos dados construídos por sua própria história, outrossim validamos uma justaposição dos conteúdos auferidos pelos autores que trabalhamos objetivando uma visualização mais fiel possível dos constructos mencionados.

se submeteriam a tratamentos e concepções mecanicistas, uma vez que o caráter de vinculação sujeito-objeto (pressupostos lógico-gnoseológicos) se dá na perspectiva dessa integração, onde valores e contextos são caminhos abertos, mas nunca acabados, daí a sua contribuição e atualidade no estudos de problemas e questões situadas no campo educacional, por exemplo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de pesquisa*, n.77, p. 53-61, maio 1991. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1042/1050>. Acessado em 29 jun. 2018.
- AROUCA, L. S. Depoimento pessoal concedido na FE/UNICAMP em agosto de 1999.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, C.R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COOK, T.D.; REICHARDT, C. S (org.). *Métodos cualitativos y cuantitativos em investigación evaluativa*. Madrid, Ediciones Morata, 1986.
- COSTA, M. C. C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (ed.) *Handbook of qualitative research*. Thousands Oaks: Sage Publications, 1994.
- FILSTEAD, W. J. Métodos cualitativos: una experiencia necesaria en la investigación evaluativa. In COOK, T.D. & REICHARDT, C. S (org.). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa*. Madrid: Ediciones Morata, 1986.
- FRANCO, M. L. P. B. Qualidade total na formação profissional: do texto ao contexto. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 76, nº 182/183, p. 117138, jan./ago. 1995.
- GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In BRANDÃO, C.R. *a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GRINSPUN, M. P. S. Z. Os novos paradigmas em educação: os caminhos viáveis para uma análise. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v.75, n. 179/180/181, p. 211-242, jan./dez. 1994.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In DENZIN, Norman, LINCOLN, Y. (ed.) *Handbook of qualitative researche*. Thousands Oaks: Sage Publications, 1994.
- LIMA, P.G. *Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: FE/UNICAMP, 2001.
- MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In FAZENDA, I. (org). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996a.
- MINAYO, M.C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996b.
- PATTON, Michael Quinn. *Qualitative evaluation and research methods*. Beverly Hills: Sage Publications, 1990.
- PEREIRA, R. B. Avaliação e pesquisa: um mesmo estatuto epistemológico em perspectiva interdisciplinar. *Pro-posições*, vol. 6 n. 1 [16], p.115-124, mar. 1995.

REICHARDT, C. S.; RALLIS, S. F. (Ed.) *The qualitative-quantitative debate: new perspectives*. New Directions for Program Evaluation n° 61. San Francisco: JosseyBass, 1994.

ROSALDO, R. *Culture and truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon, 1989.

SANTOS FILHO, J.C.dos; GAMBOA, S.A.S. (org). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SEVERINO, A.J. Problemas e dificuldades na condução da pesquisa no curso de pós – graduação. In FAZENDA, I. *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOBRINHO, J. D. Avaliação institucional: a experiência da Unicamp – condições, princípios, processo. In: *Proposições*, Campinas/SP, vol. 6 n° 1 [16], p. 41-54, mar. 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Qualitative methods: their history in sociology and anthropology. In DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (ed.) *Handbook of qualitative research*. Thousands Oaks: Sage Publications, 1994.

Recebido em: 10.02.2018

Aprovado em 10.04.2018